

Os Sinti, os Rom e a sua Fé¹

«Eu acendo sempre uma vela!»

Esta magnífica frase, tirada do Evangelho do 14º domingo do Tempo comum, «Vinde a mim vós todos que sofreis sob o peso do vosso fardo e eu vos aliviarei» (Mt 11,28), ficou na minha memória e diz-me muito, principalmente neste tempo marcado por muitas restrições, este «tempo do corona». Ultimamente nós temos recebido muitas cartas com citações bíblicas, da nossa arquidiocese, assim: « A palavra de Deus para ti neste tempo de pandemia» . E numa destas cartas havia exactamente esta citação bíblica: «Eu pergunto-me como fazem aqueles que não conhecem esta palavra e nunca a ouviram». Será que esta palavra os vai tocar? Como é que eles se organizam, quem, ou o quê os ajuda «neste tempo?» O fardo vai tornar-se ainda mais pesado? O medo constante da perseguição, da guerra, da pobreza, da rejeição dos Refugiados e, ainda por cima esta pandemia. Será que devo recear pela minha família, sobretudo pelos mais idosos? Porque é que Deus fez este vírus? Porque permitiu Deus que ele chegasse? **Será que Ele não nos pode ajudar? Haverá alguma vez um remédio contra o corona?**

Estas questões tocam-nos a todos. Os Sinti e os Rom não têm tido bastantes problemas até ao presente, sem se lhes juntar ainda este? O que é que os mantém nestes tempos difíceis? – Pode ser isto: a sua fé, a sua oração, a sua piedade, a sua confiança, o seu sentimento de pertença à sua família! Eu perguntava a uma senhora sinti como é que ela vivia neste tempo, um tempo tão difícil para ela. Há três meses ela caiu gravemente doente e há um mês enterrou um filho de 58 anos. Eis a sua resposta: «Eu ponho tudo nas mãos de Deus. Eu rezo todas as noites, sobretudo pelos doentes e pelos defuntos. Isto aprendi eu com a minha avó, que rezava sempre. Todos os domingos a minha avó levava rosas vermelhas à Santa Virgem. Maria é para nós como nossa mãe. Ela sofreu muito com o seu Filho. O seu coração de mãe é grande. Ela é uma das nossas». Sem a fé não se pode viver, tinha ela o costume de dizer.

São unicamente a sua fé e a sua confiança em Deus que os sustentam, a ela e a muitos outros, nestes tempos difíceis. Mesmo se ela reza todos os dias, falta-lhe a nossa partilha bíblica e desde há pouco tempo, ela participa na missa. Em cada encontro bíblico nós rezamos pelos doentes das nossas famílias e dos nossos conhecidos. Graças a estes serões bíblicos, graças às celebrações da Palavra e de aniversários depois da partilha bíblica, nós vivemos verdadeiramente a comunidade, a Igreja em ponto pequeno.

¹ Da Revista Nevi Yag, por Ivica Viskovic, diácono permanente, Alemanha

As jornadas de reflexão durante o tempo do Advento, com o Irmão Michael Hainz SJ, no Mosteiro St. Ottilien, foram acolhidas com reconhecimento e entusiasmo.

Na perspectiva do «tempo do corona», tive sorte, porque antes do Natal ainda visitei 50 a 60 famílias sinti e rom que vivem nos arredores de Munique. Eu tenho feito estas visitas com muita felicidade desde há sete anos. É importante para mim visitar cada ano algumas famílias novas e estabelecer relações de proximidade com elas. A rede cria-se mais facilmente de boca a orelha. O meu desejo é ir ao encontro das pessoas na sua própria casa e reunir-me com elas aí!

Eu sou portador duma missão cristã e fico sempre contente quando posso fazer bem aos outros. A minha alegria é particularmente grande quando posso acompanhar as pessoas no seu caminho de fé e viver este caminho com elas. Durante os últimos anos, as conversas pessoais na casa de cada um marcaram-me particularmente. Graças estes encontros e comunicações, aprendi muito sobre estas minorias sinti e rom, sobre a sua história, sobre os seus usos e costumes e sobre a sua fé. Cada visita é para mim um acontecimento novo. Em primeiro lugar conduzem-nos diante do altar doméstico mariano. Nestes últimos tempos insistem: «Nós temos ainda a nossa Virgem, não somos como os outros...!

É sempre espantoso como se pode aprender tanto sobre uma família e a sua história de vida através de algumas frases. Além disso, aprende-se a conhecer outros costumes e uma outra cultura, o que nos alegra e enriquece interiormente. Além disto eles mostram interesse por mim e mostram-se satisfeitos por alguém ir até ali por causa deles. Rachaï (Cura), que bom estares aqui!»

Quando eu digo que nós já não nos víamos há muito tempo, a sua resposta é frequentemente: «Eu rezo em casa e quando vou à igreja, acendo sempre uma vela!»

Não é fácil convencê-los a participar numa celebração da Palavra ou numa partilha bíblica. Quando nós falamos da fé, um dos temas é sempre MARIA.

A veneração da Mãe de Deus tem um lugar especial na piedade dos Sinti e dos Rom e não há habitação sem uma imagem da Virgem!

«Maria simboliza confiança e segurança, e por este facto, tem um lugar preponderante na fé de todos os povos rom. A veneração de Maria pelos sinti e pelos rom é um fenómeno que ultrapassa as fronteiras confessionais e religiosas. Assim, em 15 de Agosto, dia da Assunção, festa da chegada de Maria ao céu em corpo e alma, milhares de Rom, sobretudo rom muçulmanos, dirigem-se à Catedral de Colónia e ficam diante da Senhora querida.» (Jan Opiela, capelão).

É por esta razão que esta paróquia, «As Sete dores de Maria», em Hasenberg, se tornou um Refúgio de oração, de vida comunitária e de confiança. Maria como advogada? - A Mãe de Deus está sempre presente, Ela tem sido sempre uma de nós.

Não há conversa em que não surja a questão: Quando terá lugar a próxima peregrinação a Lourdes, às Santas-Marias-do-Mar, a Altötting? «Eles participam na peregrinação para rezar por eles mesmos e pela sua família e para pedir a protecção de Maria. Ao longo de uma

peregrinação vive-se com o respectivo nó familiar e ainda com os parentes próximos e afastados.» (J. Opiela).

Este ano, infelizmente, todas as peregrinações foram anuladas por causa do corona-virus.

A bênção das suas casas tem um forte significado religioso para os Sinti e Roma, sobretudo quando um membro da família faleceu. Logo no primeiro telefonema dizem: «traga muita água benta consigo!» A expressão muita água benta é particularmente significativa. Há três anos, quando do voo de regresso de Lourdes, cada um trouxe um ou vários bidons de água de Lourdes consigo. Igualmente trazem muitos terços e pulseiras, um crucifixo, que fica sob a almofada até à celebração do baptismo e uma Bíblia ao lado do leito. São sinais muito importantes, símbolos, objectos que marcam a sua vida de fé e que são de grande importância.

No centro da pastoral há o ser humano - pouco importa a sua origem. Muitas vezes são pessoas que querem ser tomadas a sério, receber a estima e que falam dos seus medos, das suas necessidades, dos seus sonhos e das suas questões. ´

Cada vez mais eu me dei conta que os encontros com as famílias sinti e roma fizeram bem à minha alma. Muitos destes encontros não eram somente cuidados pastorais dados aos outros, mas também um presente para a minha própria alma. Cada pastoral, qualquer que seja o seu nome, vive do encontro com o meu próximo, um encontro vivido no amor de Cristo por todos os homens.

«Deus é Amor: quem permanece no Amor, permanece em Deus» (João 4, 16). Deus ama-nos, é assim que nós podemos dar o amor aos outros.

Eu procurei Deus e não O encontrei.

Eu procurei-me e não me encontrei.

Eu procurei o meu próximo e encontrei os três.

.

.